

de um roupão branco, parada à beira do terraço, como esquecida numa contemplação. Era Elisa, meu amigo! Por trás, no fundo do quarto claro, o marido certamente arquejava, na opressão da anasarca. Ela, imóvel, repousava, mandando um doce olhar, talvez um sorriso, ao seu doce amigo. O miserável, fascinado, sem respirar, sorvia o encanto daquela visão benfazeja. E entre eles rescendiam, na moleza da noite, todas as flores dos dois jardins... Súbitamente Elisa recolheu, à pressa, chamada por algum gemido ou impaciência do pobre Torres. E as janelas logo se fecharam, toda a luz e vida se sumiram na Casa da Parreira.

Então José Matias, com um soluço despedaçado, de transbordante tormento, cambaleou, tão ansiadamente se agarrou à cortina que a rasgou, e tombou desamparado nos braços que lhe estendi, e em que o arrastei para a cadeira, pesadamente, como a um morto ou a um bêbedo. Mas, volvido um momento, com espanto meu, o extraordinário homem descerra os olhos, sorri num lento e inerte sorriso, murmura quase serenamente: — É o calor... Está um calor! Você não quer tomar chá?

Recusei e abalei — enquanto ele, indiferente à minha fuga, estendido na poltrona, acendia trêmulamente um imenso charuto.

Santo Deus! já estamos em Santa Isabel! Como estes lagóias vão arrastando depressa o pobre José Matias para o pó e para o verme final! Pois, meu amigo, depois dessa curiosa noite, o Torres Nogueira morreu. A divina Elisa, durante o novo luto, recolheu à quinta de uma cunhada também viúva, à Corte Moreira, ao pé de Beja. E o José Matias inteiramente se sumiu, se evaporou, sem que me revoassem novas dele, mesmo incertas — tanto mais que o íntimo por quem as conheceria, o nosso brilhante Nicolau da Barca, partira para a ilha da Madeira, com o seu derradeiro pedaço de pulmão, sem esperança, por dever clássico, quase dever social, de tísico.

Todo esse ano, também, andei enfronhado no meu «Ensaio dos Fenómenos Afectivos». Depois, um dia, no começo do Verão, decendo pela Rua de S. Bento, com os olhos levantados, a procurar o n.º 214, onde se catalogava a livraria do morgado de Azemel, quem avisto eu à varanda de uma casa nova e de esquina? A divina Elisa, metendo folhas de alface na gaiola de um canário! E bela, meu amigo, mais cheia e mais harmoniosa, toda madura, e succulenta, e desejável, apesar de ter festejado em Beja os seus quarenta e dois anos! Mas aquela mulher era da grande raça de Helena que, quarenta anos também depois do cerco de Tróia, ainda deslumbrava os homens mortais e os deuses imortais. E, curioso acaso, logo nessa tarde, pelo Seco, o João Seco da Biblioteca, que catalogava a livraria do morgado, conheci a nova história desta Helena admirável.

A divina Elisa tinha agora um amante... E unicamente por não poder, com a sua costumada honestidade, possuir um legítimo e terceiro marido. O ditoso moço que ela adorava era com efeito casado... Casado em Beja com uma espanhola que, ao cabo de um ano desse casamento e de outros requiebrs, partira para Sevilha, passar devotamente a Semana Santa, e lá adormecera nos braços de um riquíssimo criador de gado. O marido, pacato apontador de Obras Públicas, continuara em Beja, onde também vagamente ensinava um vago desenho... Ora uma das suas discípulas era a filha da senhora da Corte Moreira; e aí na quinta, enquanto ele guiava o esfuminho da menina, Elisa o conheceu e o amou, com uma paixão tão urgente que o arrancou precipitadamente às Obras Públicas, e o arrastou a Lisboa, cidade mais propícia do que Beja a uma felicidade escandalosa, e que se esconde. O João Seco é de Beja, onde passara o Natal; conhecia perfeitamente o apontador, as senhoras da Corte Moreira; e compreendeu o romance, quando das janelas desse n.º 214, onde catalogava a livraria do Azemel, reconheceu Elisa na varanda da esquina, e o apontador enfiando regaladamente o portão, bem vestido, bem cal-